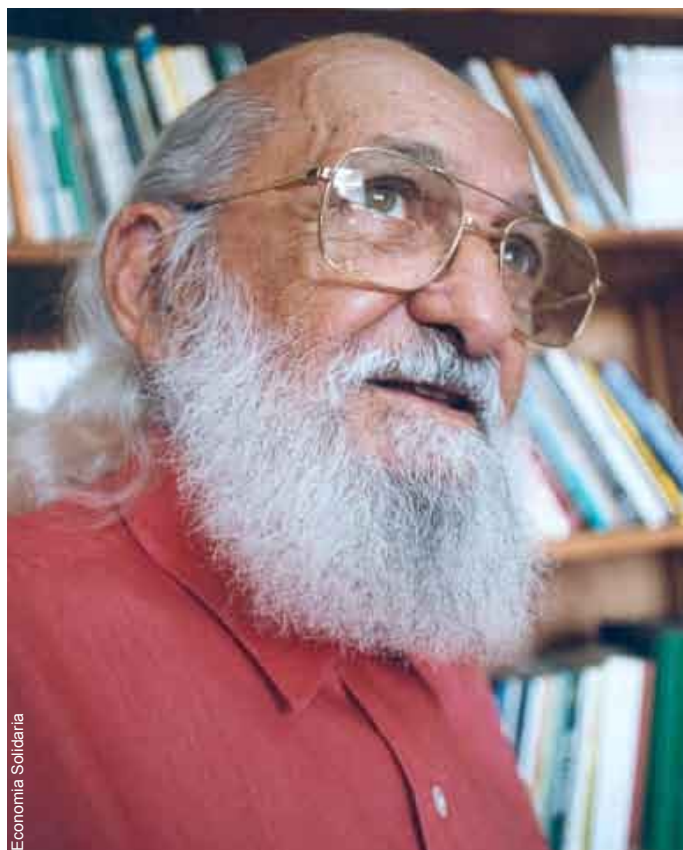


# Viver Freire nas práticas pedagógicas do século XXI

Nuno Fraga<sup>1</sup> - Universidade da Madeira



Viver Freire nas práticas pedagógicas do século XXI é um revisitar do sonho de que é possível mudarmos a cara da escola. Publicado em 1996, o livro *A Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários à prática educativa* reveste-se de um conjunto de atitudes, tidas como direitos e deveres, de um educador progressista, eticamente responsável e comprometido com a sua profissionalidade e com a sua deontologia que impele a ação pedagógica, crítica e refletida, a um patamar de conscientização que, naturalmente, nos convida a desvelar outros e possíveis caminhos ao presente e futuro da escola.

A obra é um exercício de reflexão. É um convite a remexer no que raras vezes remexemos, por medo, falta de ousadia ou por puro comodismo, de quem cansado, há muito deixou de querer colorir a escola

de outras cores. Ao longo de três capítulos, Freire alerta-nos para três grandes saberes fundamentais à prática pedagógica progressista: “não há docência sem discência”; “ensinar não é transferir conhecimento” e “ensinar é uma especificidade humana”.

Neste sentido, existem alguns temas geradores do seu pensamento que são transversais às suas obras e pelos quais a passagem é obrigatória. Não podemos ler Freire sem compreender a sua antropologia. Para Paulo Freire o homem e a mulher têm que se assumir na relação consigo e com o mundo, como sendo seres curiosos, incompletos, inconclusos ou inacabados e como seres conectivos. É do reconhecimento e assunção da minha incompletude que encontro na curiosidade que me move, a necessidade de buscar respostas à concretização dos meus sonhos, à certeza das minhas ações, à cientificidade da minha prática enquanto educador. É no processo contínuo e cíclico de pesquisa que me formo como educador progressista, desvelando na conectividade com os outros as principais características da minha profissionalidade e da minha rigorosidade enquanto professor.

Compreendendo que “não há docência sem discência”, reconheço que não poderei exercer as minhas planificações sem, num primeiro momento, ler o mundo onde exerço a minha prática pedagógica. Freire ao afirmar que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra” encoraja-nos ao exercício de uma avaliação diagnóstica que nos permita interpretar os mundos que habitam as nossas salas de aula, para que, num segundo momento, possamos assumir a palavra, isto é, o conteúdo, traduzindo-o significativamente às diversidades culturais que povoam o espaço pedagógico (formal ou não-formal).

Vejamos quais os saberes que estruturam o pensamento freiriano quanto à prática pedagógica. Ensinar exige rigorosidade metódica: não basta querer ser educador; é crucial que essa vontade esteja acompanhada de um desejo constante em querer “pensar certo”, o que nos incute uma preocupação constante, mas saudável, pela busca de outras tantas formas de (des)construir o conhecimento. Enquanto professor tenho que me aliar do rigor metódico que norteia a minha visão pedagógica e me faz *ser mais*. De acordo com Freire (2009), “só, na verdade, quem pensa certo, mesmo que às vezes, pense errado, é quem pode ensinar a pensar certo. E uma das condições necessárias a pensar certo é não estarmos demasiado certos de nossas certezas.” (pp. 27-28).

No decorrer deste saber, reconheço que ensinar exige pesquisa, pois é através dela que alicerço o meu conhecimento e é no seu encontro com a rigorosidade metódica que posso me tornar mais capaz, mais apto, mais reflexivo e crítico. Contudo, este processo de pesquisa deve nortear a minha necessidade em ler o mundo dos meus alunos. É através dessa leitura que reconheço como fundamental o respeito pelos saberes e pela autonomia dos educandos. “Por que não estabelecer “intimidade” entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a

experiência social que eles têm como indivíduos?” (Freire, 2009, p. 30). Esta aproximação reconhece na curiosidade ingênua alicerces para uma aprendizagem significativa. A aprendizagem torna-se significativa na medida em que reconheci que “ensinar exige criticidade”, sendo a superação da curiosidade ingênua uma condição necessária ao conhecimento, à curiosidade epistemológica.

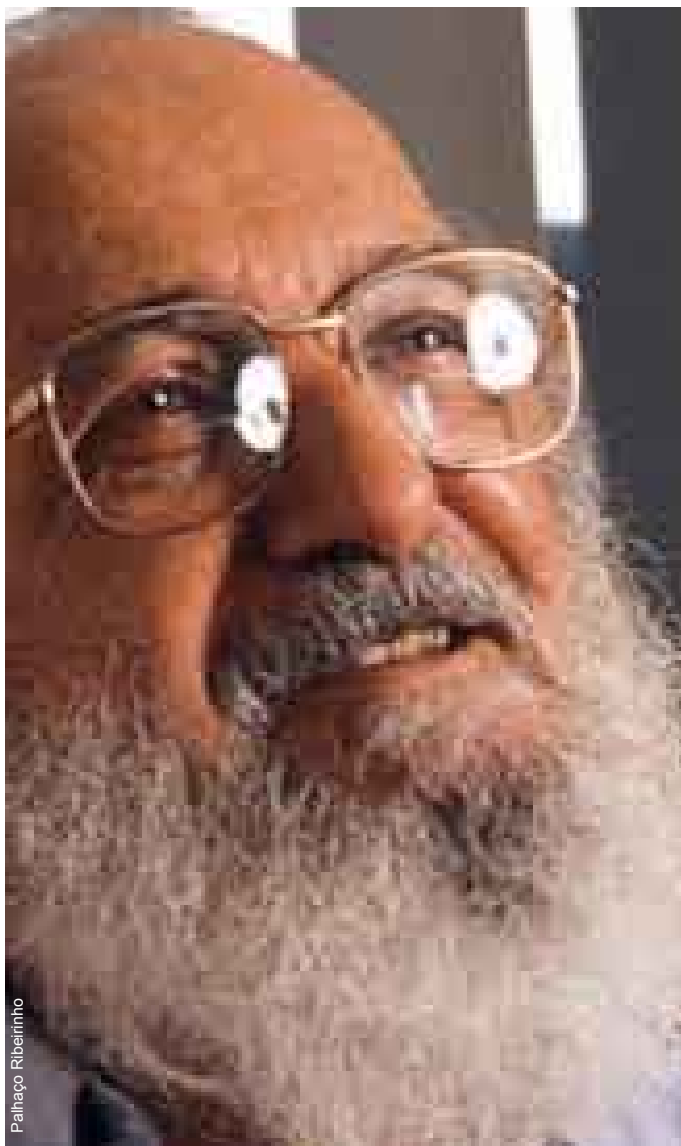
Freire alerta-nos para o sentido ético e estético que o ensino-aprendizagem acarreta e que se apresenta como um desafio à profissão de professor. O exercício ético da minha prática pedagógica deve compreender que para lá do colorido das dinâmicas de grupo existe um fundamento ético que as corporifica, tal como as minhas ações devem ser expressão corporificada das minhas palavras. Há um dever ético na minha profissionalidade, que me impele a acreditar que “quem pensa certo está cansado de saber que as palavras a que falta a corporeidade do exemplo pouco ou quase nada valem” (Freire, 2009, p. 34).

Do mesmo modo este sentido ético da minha profissionalidade deve exercer-se na certeza de que “ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação”, pelo que “a aceitação do novo (...) não pode ser negado ou acolhido só porque é novo, assim como o critério de recusa ao velho não é apenas cronológico. O velho que preserva sua validade ou que encarna uma tradição ou marca uma presença no tempo continua novo” (Freire, 2009, p. 35). O ensino é um ato de “bom senso” que nos chama a resolver as tensões e as contradições entre “autoridade-liberdade” (Freire, 2009, p. 61).

Assumir que o ensino-aprendizagem apenas se concretiza na relação dialógica que é gerada com o outro, por ver em nós, professores progressistas, uma janela de oportunidade para o conhecimento, devo aceitar que essa visão me chama a refletir criticamente sobre a minha prática. A reflexão crítica sobre a prática assume-se, então, como uma condição essencial “na formação permanente dos professores”, pois “é pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática” (Freire, 2009, p. 39).

No exercício dessa reflexão que me empodera e me transforma aceito que “ensinar exige o reconhecimento e a assunção da identidade cultural”,





Paulinho Ribeiro

dado que é nela que me afirmo como educador democrático. É nesta aceitação que livremente abraça a tolerância, que aceito (des)construir caminhos “para uma sociedade menos feia e menos arestosa” (Freire, 2009, p. 42), descomplexada face às diferenças e despida de travestismos políticos ou ideológicos que sorrateiramente desvirtuam o foco para uma educação democrática; para todos. Há neste olhar crítico que reconhecer “que a luta é uma categoria histórica” que nos chama e nos incute a “reinventar a forma também histórica de lutar” (Freire, 2009, p. 68).

Ao tornar consciente que as minhas práticas enquanto educador estão alicerçadas na relação com o outro, devo assumir que “ensinar não é transferir conhecimento”, mas antes “criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (Freire, 2009, p. 47). É reconhecendo que em

ambos os mundos onde a educação se corporifica que há inacabamento, que me poderei assumir como ator crítico e participativo na problematização e transformação das práticas e processos pedagógicos que povoam não só as escolas, mas também as cidades enquanto espaços educadores e educandos.

Este reconhecimento socrático de que *só sei que nada sei* é, por incrível que pareça, libertador! Pois é na curiosidade que me move a *ser mais* que descubro que me apresento ao mundo como um ser condicionado e jamais determinado. Neste sentido, diz-nos Freire (2009): “Gosto de ser gente porque, mesmo sabendo que as condições materiais, económicas, sociais e políticas, culturais e ideológicas em que nos achamos geram quase sempre barreiras de difícil superação para o cumprimento de nossa tarefa histórica de mudar o mundo, sei também que os obstáculos não se eternizam.” (p. 54). É desta esperança que a obra *Pedagogia da Autonomia* nos envolve, até porque “seria uma contradição se, inacabado e consciente do inacabamento, primeiro, o ser humano não se inscrevesse ou não se achasse predisposto a participar de um movimento constante de busca e, segundo, se buscasse sem esperança” (Freire, 2009, p. 72).

Tenho-me cruzado com educadores que colocam o coração em cada palavra; alguns, pedras; outros, apenas vento... Mas também sei que há uma força inquestionável e uma bravura que me comove, naqueles que corporificam as suas palavras e erguem bem alto a sua voz por uma escola para todos! É nesses que a História se faz. São esses que ficarão na História, porque foram Verdades e porque desvelaram através das suas práticas pedagógicas que “mudar é difícil mas é possível” (Freire, 2009, p. 79).

Alicerçando a minha prática numa ética que me faz *pensar certo* e *ser mais*, não abandono, jamais, o princípio base de que “ensinar exige apreensão da realidade”. Apreensão que se faz pela *leitura crítica do mundo*; pela *conscientização* das realidades que habitam as nossas salas de aula. “Aprender para nós é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito. (...) É assim que venho tentando ser professor (...) assumindo minhas limitações, acompanhadas sempre do esforço por superá-las,

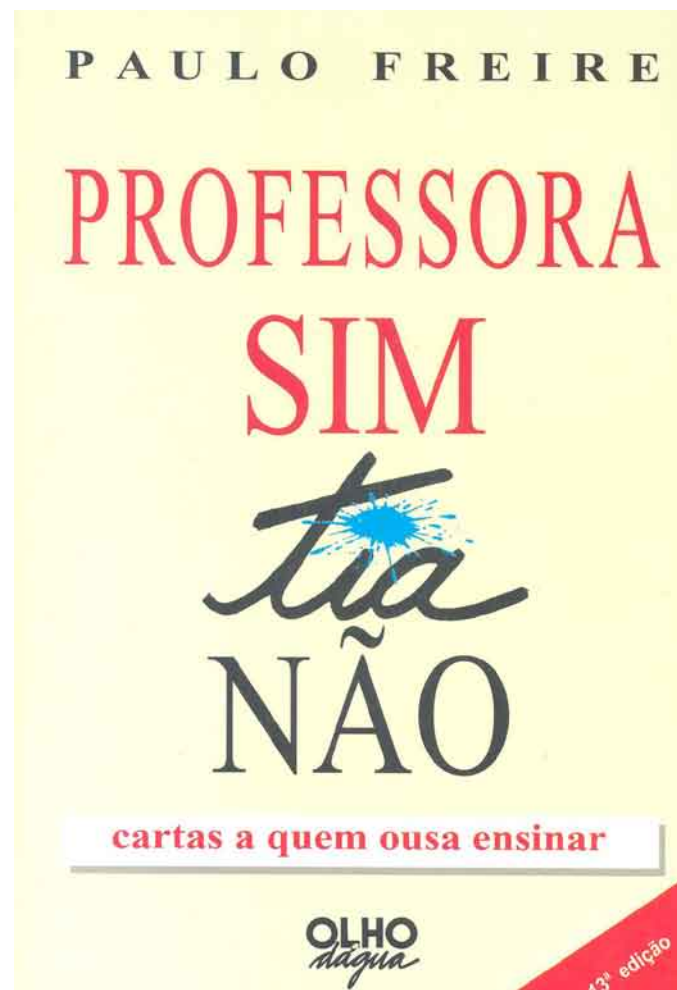
limitações que não procuro esconder em nome do respeito que me tenho e aos educandos” (Freire, 2009, pp. 71-72).

Enquanto *especificidade humana* o ensino exige “segurança, competência profissional e generosidade”. Estas são três dimensões do pensamento freiriano para a formação inicial e permanente dos educadores que não podem estar dissociadas das práticas, nem tão-pouco das reflexões críticas sobre a prática pedagógica, pois atestam eticidade ao ensino-aprendizagem. Para Freire (2009), “como professor não me é possível ajudar o educando a superar sua ignorância se não supero permanentemente a minha” (p. 95).

Ao assumir-me como educador, comprometo-me com o espaço e tempo pedagógicos da minha ação, consciente das suas múltiplas leituras, das suas diversas interpretações e das suas possibilidades de (des)construção. Estarei assumindo que uma das premissas do ensino-aprendizagem é “compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo” (Freire, 2009, p. 98), pois *decidir é romper* e em cada momento de rutura geram-se janelas de oportunidade; de conhecimento; de transformação da realidade. “Não posso ser professor se não percebo cada vez melhor que (...) minha prática exige de mim uma definição” (Freire, 2009, p. 102), perante as armadilhas ideológicas que *amaciam* a minha criticidade e a minha revolta contra as injustiças; contra as visões distorcidas da política educativa.

Para Freire (2009) *a mudança da cara da escola* consubstancia-se pela disponibilidade para o diálogo; pelo “querer bem aos educandos” (p. 141) pois é “preciso descartar como falsa a separação radical entre seriedade docente e afetividade”, dado que “não é certo (...) que serei tão melhor professor quanto mais severo, mais frio, mais distante e “cinzento” me ponha nas minhas relações com os alunos. (...) Nem a arrogância é sinal de competência nem a competência é causa de arrogância. Não nego a competência, por outro lado, de certos arrogantes, mas lamento neles a ausência de simplicidade que, não diminuindo em nada seu saber, os faria gente melhor. Gente mais gente” (Freire, 2009, pp. 141-146). Deveria entristecer-nos o comportamento de certas *tias* (numa alusão à obra *Professora Sim, Tia*

*Não - Cartas a quem ousa ensinar*, de Paulo Freire) que assumindo-se como professoras, desvirtuam o espaço pedagógico, os seus atores e as suas aprendizagens, numa ação que não corporifica, estou certo, os valores e os saberes que a sua formação, se não permanente, pelo menos inicial, lhes desvelou.



A *Pedagogia da Autonomia* é este manifesto à ética e à deontologia do ser professor. Contém em si os saberes necessários a uma prática pedagógica crítica e democrática. É uma leitura essencial (obrigatória) *a todos os que se estão fazendo educadores*, na certeza de que cada conquista é uma alavanca para uma escola mais bonita, certamente mais inclusiva.

#### Bibliografia

Freire, P. (2009). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. (39.ª ed). São Paulo: Paz e Terra.

<sup>1</sup> Correio eletrónico: nfraga@uma.pt